

Revista Potência

Falta planejamento

Ano 9 - Nº 87

Entrevista - Claudio Sales

Marcos Orsolon

Depois de mais de uma década, o Brasil novamente vive o risco de passar por um período de racionamento de energia elétrica. Entre os alertas de especialistas e garantias governamentais de que não há nenhuma possibilidade de faltar eletricidade, o fato é que iniciamos o ano de 2013 com nossos principais reservatórios apresentando níveis preocupantes, bem abaixo da média histórica do período.

É verdade que as chuvas voltaram a partir da segunda semana de janeiro, amenizando a situação. No entanto, mesmo que não haja problema nos próximos meses, fica claro que nosso sistema não está tão sólido e confiável como se imaginava, embora a situação tenha melhorado significativamente desde 2001. Tanto que, apesar dos riscos, as situações são completamente diferentes.

De acordo com **Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil**, em 2001 o Brasil tinha mais restrições de transmissão, com um sistema que não permitia a transferência de grandes blocos de energia entre as regiões do País, como ocorre hoje. Além disso, nos últimos anos foram intensificados os investimentos em geração, inclusive no que tange à complementação térmica, que traz segurança ao sistema e que, em 2001, não chegava a 2.000MW. Hoje, temos cerca de 14.000MW de termelétricas.

Mas se o avanço foi significativo, por que hoje vivemos uma situação tão desconfortável?

A resposta está no planejamento inadequado. Como explica **Claudio Sales** na entrevista a seguir, a falta de planejamento tem colocado em risco os investimentos no setor, principalmente em função do descompasso entre os projetos de geração e de transmissão. Tanto que temos hoje no País várias usinas eólicas prontas, mas sem linhas para levar sua energia aos pontos de consumo.

Para reverter o quadro a orientação do executivo é clara: analisar com calma tudo o que está acontecendo para corrigir as falhas e não ter problemas no futuro. Como afirma **Sales**, nessa área o cuidado deve ser permanente.

Qual a nossa real situação hoje em relação ao risco de racionamento?

Um dado importante é que na última semana de dezembro e na primeira de janeiro o nível dos reservatórios no Sudeste chegou a 29% e no Nordeste a 33%. Essas duas regiões, do ponto de vista da capacidade de armazenamento, são as mais importantes do Brasil. O Sudeste é responsável por 70% da capacidade de armazenamento de água para o setor elétrico e o Nordeste por 18%. Também no

Sul estávamos com nível baixo, com 35% e caindo. Apenas na região Norte nós estávamos com 41% e subindo. Mas o Norte representa apenas 5% da capacidade de armazenamento. Outro dado objetivo é que isso aconteceu a despeito do fato de que todas as usinas termelétricas de que o País dispõe já estavam sendo acionadas. Isso começou de maneira mais extensiva a partir de outubro. Ou seja, em novembro e dezembro todas foram acionadas a plena carga e, ainda assim, os reservatórios caíram a ponto de chegar nesses níveis baixos. E um terceiro elemento de constatação é que isso tudo aconteceu com o País começando bem o ano de 2012 (em termos de reservatórios), com os níveis de reservatórios até melhores do que a média geral. Mas eles foram esvaziados a este ponto, inclusive no período de cheias, que vai de outubro a abril, onde os reservatórios deveriam subir e não cair, conforme aconteceu até o início de janeiro. Então, temos um retrato de desconforto. Porque a munição que temos para nos proteger e não ficarmos dependendo apenas da chuva no curto prazo seria o acionamento das térmicas. E essa munição está sendo, acertadamente, gasta, porém, toda gasta. A situação evoluiu nas últimas semanas com as chuvas e a curva começou a mudar. Já houve melhora no Sudeste e no Nordeste. Mesmo assim é uma situação de desconforto que pode ser medida por esse risco, que aumentou em relação ao que era antes. E, de outro lado, com impacto no bolso do consumidor.

E isso num momento em que a economia praticamente não cresceu...

É que tem duas maneiras de olhar para isso: uma através da reflexão sobre o que aconteceu para que a gente tenha a atenção voltada para o que pode ser melhorado. Nesse sentido, esse dado da economia é relevante, porque se o PIB tivesse crescido 3% ou 4% estaríamos numa posição mais grave. Por outro lado, o consumo de energia elétrica teve uma evolução diferente, porque a economia cresceu menos de 1%, mas o consumo cresceu mais de 3%.

O que explica este fenômeno?

É que a indústria não cresceu, mas o consumo nos segmentos residencial e comercial foi expressivo. No passado o crescimento do consumo de energia acompanhava o da economia. Mas a realidade de 2012 foi diferente. E insisto nessa situação de desconforto porque o acionamento das térmicas já custou entre outubro e dezembro cerca de R\$ 1,9 bilhão. Isso é custo adicional. Estou me referindo apenas ao que tecnicamente é chamado de "acionamento por segurança energética", que é o acionamento das usinas determinado pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) para fazer frente às situações desse tipo.

O que pode ser feito para evitar o risco de racionamento?

É preciso avaliar a situação e, a partir dessas lições, assegurar que faremos o que for necessário a partir de agora para evitar que este tipo de problema ocorra de novo.

Quais são as lições?

Têm alguns pontos que quero chamar a atenção. Os dois primeiros estão muito ligados e têm a ver com o planejamento e os leilões de energia. Temos aqui uma empresa de planejamento, mas isso não significa que temos um planejamento eficiente. A meu ver não temos. Quando os leilões de energia são definidos com o critério único de atender a uma determinada quantidade de energia ao menor preço possível, o País cai na armadilha de não ter a expansão da oferta de forma planejada, de forma que seja mais eficiente e com uma visão de longo prazo. Digamos que você tenha um parente com um terreno numa praia que tem muito vento. Aí você não paga nada pelo terreno e faz uma geração eólica barata, vai ao leilão e ganha. Quer dizer, não importa se essa praia fica num lugar sem linha de transmissão. E não importa se, do ponto de vista da segurança energética, seria mais eficiente colocar uma térmica próxima de um centro de consumo. Então, não temos tido planejamento porque temos ido ao sabor dos leilões. E, literalmente, correndo atrás disso o planejamento da transmissão. A consequência de não se incorporar outros parâmetros na definição do leilão, que seria escolher a localização ideal e o tipo de fonte ideal, combinado com a falta de coordenação adequada em tempo hábil entre geração e transmissão, e combinado ainda com o fato de, no planejamento de longo prazo, as condições reais de operação não serem consideradas, fez com que chegássemos a essa situação hoje. Esse é o aprimoramento que acho desejável que se faça daqui para frente. É você, de fato, planejar como quer expandir sua matriz elétrica e os leilões decorrerem desse planejamento.

O que mais precisa ser corrigido?

Outra coisa que poderia ter sido cuidada e que é importante que se cuide daqui para frente é um maior rigor na habilitação dos competidores nos leilões de geração e de transmissão de energia. Tem um caso célebre, que é o caso Bertin, que foi um empreendedor sem nenhuma tradição e sem nenhuma experiência comprovada no setor elétrico que participou de leilões com preços muito mais agressivos que todos, a ponto de ganhar, sozinho, uma quantidade de energia equivalente a quase a metade de Itaipu. Isso saltava aos olhos, mas nada foi feito. Algumas usinas foram feitas, mas um volume enorme deixou de ser feito. O pior é que as usinas (que não foram feitas) ficaram durante muito tempo sendo consideradas nos modelos de planejamento e operação como se viessem a ser feitas no prazo estabelecido. O fato é que faltaram agora cerca de 2.500MW, que se contavam como existentes, mas que não existiam. E 2.500MW de usinas termelétricas que teoricamente poderiam ser operadas pelo ONS. Então, daqui para frente o País precisa contar com um planejamento eficiente para a expansão da sua oferta de energia. O planejamento eficiente, vale dizer, passa por apontar de forma consequente com relação aos leilões de energia, enfim, a combinação das diferentes fontes de energia que o Brasil vai contar no futuro e a localização dessas usinas. Fazer isso de forma coordenada com a expansão da transmissão.

Há sinais de que possa haver evolução no planejamento?

Espero que sim. Um negócio que vale mencionar é que quando surge um problema desse tipo a sociedade fica mais atenta e cria um ambiente para que se debata e se promova mudanças. Aqui mesmo no Instituto procuramos dar contribuições. A cada dois anos fazemos uma conferência internacional, que é o Brazil Energy Frontiers, com uma visão de longo prazo em relação às fronteiras da energia e para onde temos que caminhar para assegurar energia mais eficiente para a sociedade. Na edição desse ano, que será em outubro, justamente por este problema, vamos trazer o Peter Cramton, que é considerado um dos maiores especialistas mundiais em leilões desse tipo.

O risco de racionamento tende a aumentar?

Isso é evitável. Está previsto em 2013 a entrada em operação de uma série de usinas que estão em construção e que estão ficando prontas agora. São cerca de 8.350MW, dos quais 2.492MW de termelétricas. Nessas usinas, algumas têm atraso. O retrato de hoje, sem atraso, é de 6.581MW. Isso do ponto de vista da construção das usinas. Porém, várias delas são impactadas pelos atrasos das linhas de transmissão. De qualquer forma, é um número expressivo que seguramente dá algum conforto. Porém, acho que o mais importante é fazer as correções para evitar problemas.

O gargalo maior é o descompasso entre geração e transmissão?

Tem dados importantes na transmissão, que são duas falhas que já poderiam ter sido corrigidas. A primeira é que o prazo teoricamente concedido nos leilões para as linhas de transmissão sabidamente não é realista. Fizemos um levantamento entre 144 linhas de transmissão recentemente leiloadas e construídas para olhar o prazo médio concedido para que se faça a linha e qual o prazo médio realizado nas diversas etapas de construção da linha. Só que diferentemente do que ocorre na geração, quando é feito um leilão na transmissão se dá um prazo de 28 meses para construir uma determinada linha, e o empreendedor só sabe que será ele o responsável pela construção quando ganha o leilão e assina o contrato. Quer dizer, a partir dali ele tenta obter a licença ambiental, primeiro a prévia e depois a de instalação, que autoriza o início da construção. A nossa observação revelou um paradoxo: se o

prazo médio da construção das linhas era transmissão no prazo médio real para a obtenção das licenças que autorizam o início da construção foi pouco mais de 24 meses Então, não é realista.

Como resolver a questão nesse caso?

São vários caminhos. O primeiro seria o aprimoramento do planejamento. Fazer um planejamento propriamente dito e não apenas uma empresa de planejamento. Segundo, adotar para a transmissão o mesmo procedimento adotado na geração, ou seja, fazer com que o governo, ao apresentar uma linha de transmissão para o leilão, já o faça com a licença prévia ambiental. Porque assim fica mais previsível, ou realista, o prazo que se consegue para a construção da linha.

No que o atual momento difere de 2001?

A situação era bem diferente. Em 2001 o Brasil tinha mais restrições de transmissão, quer dizer, o sistema de transmissão era bem menos extenso do que é hoje. Você não podia transferir grandes blocos de energia entre as regiões como pode fazer hoje e havia uma complementação térmica muito menor proporcionalmente ao que tem hoje. Hoje temos cerca de 14.000MW de termelétricas, na época tínhamos menos de 2.000MW. Então, na época tinha um déficit estrutural, onde a média da energia demandada era maior que a média de energia que o País dispunha para entregar. Essa situação foi contornada, até de maneira eficiente, mas a situação é diferente da que temos hoje. Foram feitos investimentos vultuosos e o País avançou bastante em uma série de coisas. Mas a situação desconfortável de hoje mostra que os cuidados devem ser permanentes e há sempre o que aprimorar.